



GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

ISSN 2177-3688

**O CONCEITO DE “PARADIGMA” DE THOMAS KUHN: INTERESSES E CONTROVÉRSIAS NA
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

***THOMAS KUHN’S CONCEPT OF “PARADIGMA”: INTERESTS AND CONTROVERSIES IN
INFORMATION SCIENCE***

Zayr Claudio Gomes da Silva - Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Jonathas Luiz Carvalho Silva - Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: O conceito de “paradigma” foi apresentado às ciências por Thomas Kuhn, mas se desenvolveu de diferentes maneiras em meio a própria produção do conhecimento científico. Com base na Sociologia da Tradução, objetiva mapear interesses e controvérsias acerca desse conceito discutido na Ciência da Informação. Enquanto pesquisa exploratória e bibliográfica, utiliza-se a tradução como artifício teórico-metodológico para mapear interesses e controvérsias advindas de diferentes pesquisadores e outros conceitos. São evidenciados alguns interesses e controvérsias acerca do conceito de “paradigma” por meio de diferentes autores e múltiplas questões, relacionando-se, especialmente, à centralidade informacional sob um protoparadigma, uma trifurcação paradigmática e a crítica à tentativa de consolidação epistemológica da Ciência da Informação via justificação social. A apropriação desse conceito na Ciência da Informação não compreende apenas uma invenção conceitual com base em outros termos específicos, mas a complexidade da inovação político-epistemológica do próprio conhecimento científico, cuja efetividade perpassa as relações de produção semiótico-materiais da produção e comunicação científicas diante múltiplos interesses (até contraditórios).

Palavras-chave: ciência da informação; epistemologia da ciência da informação; paradigmas; interesses contraditórios.

Abstract: The concept of “paradigm” was introduced to the sciences by Thomas Kuhn, but it developed in different ways throughout the production of scientific knowledge. Based on the Sociology of Translation, it aims to map interests and controversies surrounding this concept discussed in Information Science. As an exploratory and bibliographical research, translation is used as a theoretical-methodological device to map interests and controversies arising from different researchers and other concepts. Some interests and controversies regarding the concept of “paradigm” are highlighted by different authors and multiple questions, relating, especially, to informational centrality under a protoparadigm, a paradigmatic trifurcation and criticism of the attempt at epistemological consolidation of Information Science via social justification. The appropriation of this concept in Information Science does not only comprise a conceptual invention based on other specific terms, but the complexity of the political-epistemological innovation of scientific knowledge itself, whose effectiveness permeates the semiotic-material production relations of scientific production and communication in the face of multiple (even contradictory) interests.

Keywords: information science; epistemology of information science; paradigms; contradictory interests.

1 INTRODUÇÃO

A produção do conhecimento científico ocorre a partir de interesses de pesquisa, cujos processos de assimilação e apropriação político-epistemológico fazem parte do desenvolvimento das ciências e outros saberes, gerando mais ou menos controvérsias científicas. À luz da “Sociologia da Tradução”, interesses dizem respeito aos desejos e objetivos performados por seus praticantes e objetos de estudo durante a prática científica, quando pesquisadores, laboratórios e centros de pesquisa, instituições e eventos acadêmicos visam à construção, estabilização e socialização de conceitos, teorias e métodos científicos. As controvérsias científicas, por sua vez, se estabelecem como efeitos de diferença e desacordos minimamente conscientes acerca da criação, desenvolvimento e uso desse arcabouço epistemológico em suas múltiplas aplicabilidades, seja em uma discussão em eventos acadêmico-científicos, ou mesmo na descrição de artigo científico, capítulo ou livro, enquanto formas de inscrição que materializam de algum modo a produção e a comunicação científicas (AKRICH; CALLON; LATOUR, 2006; LATOUR, 2000).

Desde a publicação do livro “A Estrutura das Revoluções Científicas”, em 1962, pelo físico e filósofo das ciências Thomas Kuhn, abordagens sobre paradigmas científicos exercem um amplo domínio nas discussões de comunidades científicas locais, nacionais e internacionais, demandando um olhar cauteloso sobre a formação e o desenvolvimento político-epistemológico das ciências. O conceito de “paradigma” tem sido investigado em várias áreas das Ciências Humanas, Sociais e Exatas, estabelecendo-se como uma espécie de fundamento teórico-metodológico e de aplicação do conhecimento científico e tecnológico nessas áreas e disciplinas especializadas.

No entanto, principalmente, a partir do texto *The Nature of Paradigm*, de Margaret Masterman¹, isso vem gerando uma série de questionamentos e debates nas arenas da Filosofia e das Ciências devido às múltiplas definições e proposições estabelecidas filosófica e cientificamente, sendo pertinente atentar para os limites, alcances e seus contornos epistemológicos. Nesse sentido, alguns estudiosos da Ciência da Informação vêm

¹ Inclusive, no posfácio da obra de T. Kuhn, publicada em 2011, aqui no Brasil, o próprio autor diz que o conceito de “paradigma” foi examinado por essa filósofa, ao preparar um índice analítico em que o termo havia sido utilizado, na primeira versão da referida obra, pelo menos de 22 maneiras diferentes.

participando de alguma forma do desenvolvimento e transformação político-epistemológica do conceito de “paradigma”, cujas produções científicas apresentam diferentes interesses, produzindo mais ou menos desacordos no uso desse conceito, enquanto fundamento epistemológico para a área. Há discussões desenvolvidas em nível nacional (LENZI; BRAMBILA, 2006; SILVA, 2017; SALDANHA, 2008) e internacional (BATES, 2022; CAPURRO, 2003; ELLIS, 1992; ROJAS, 1996).

A partir disso, é possível definir como ponto de partida dessa proposta de pesquisa a seguinte questão: quais interesses e controvérsias emergem em torno do conceito de “paradigma” na Ciência da Informação?

O tema e o problema em evidência fazem parte de uma ampla discussão. Primeiro, refere-se às questões metodológicas que giram em torno da produção teórico-metodológica do conhecimento científico, especificamente, em torno da complexidade de conceitos, métodos e técnicas formuladas e desenvolvidas no campo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. E, por extensão, especificamente, à necessidade de assimilação e apropriação crítica pela/na Ciência da Informação sobre suas múltiplas aplicabilidades teórico-metodológicas, que, de algum modo, verticalizam e horizontalizam as relações de produção entre a área do conhecimento e interesses de pesquisa. Além disso, a discussão em questão diz respeito não somente à invenção conceitual que se insere nos estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação – como é o caso do GT 1 da ANCIB², mas, a nosso ver, sobretudo, à inovação epistemológica cuja configuração refere-se à complexidade coexistente das condições de produção do conhecimento científico de natureza histórica, política, tecnológica e cultural.

As razões que motivam a pesquisa são as seguintes: acadêmica – perspectiva de construção de novos conhecimentos sobre a relação entre a abordagem Sociologia da Tradução e a Ciência da Informação; institucional – compreensão sobre como a Ciência da Informação pode se apropriar criticamente dos fundamentos da Sociologia da Tradução, como conjunto teórico-metodológico correlativamente articulado, em termos de produção do conhecimento científico; e profissional – referente à atuação no âmbito do ensino e da pesquisa com a Sociologia da Tradução aplicada à Ciência da Informação e áreas afins, tais como Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia e Comunicação.

² Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, que visa acompanhar a pesquisa e o ensino da pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil.

O objetivo deste resumo é, introdutoriamente, mapear interesses e controvérsias acerca do conceito de “paradigma” na Ciência da Informação. Em termos teórico-metodológicos, trata-se de um estudo de caráter exploratório, com vistas à Sociologia da Tradução (AKRICH; CALLON; LATOUR, 2006; LATOUR, 2000), na medida em que se busca teórica e metodologicamente observar os múltiplos interesses acerca do conceito de paradigma na Ciência da Informação, bem como possíveis controvérsias. E, no que tange aos procedimentos técnicos, a pesquisa possui teor bibliográfico ao construir um diálogo com textos que fazem parte, desde já, dessa assimilação e apropriação conceitual na Ciência da Informação advinda de Kuhn (1998), no caso, passando por Capurro (2003), Bates (2022), Silva (2017) e Saldanha (2008).

2 TRADUÇÃO DE INTERESSES: UM ARTIFÍCIO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA SOCIOLOGIA DA TRADUÇÃO PARA MAPEAR O CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Enquanto produção social, o conhecimento científico é constituído sob elos de significação material produzidos socialmente. Trata-se de um processo simultaneamente discursivo, material e real desenvolvido assim pelas ciências, cujo efeito diz respeito à linguagem enquanto agência transformadora das relações entre humanos e não-humanos, significados e materialidades. Isto é, são jogos de inscrição que visam ao mesmo tempo estabilizar e socializar o conhecimento produzido pela tecnociência.

Nesse sentido, pesquisadores da Sociologia da Tradução³ (AKRICH; CALLON; LATOUR, 2006; LATOUR, 2000) desenvolveram um artifício teórico-metodológico chamando-o de “tradução de interesses”, que visa mapear as condições de produção semiótico-material do próprio conhecimento científico. Ele tem origem no conceito de “*traduction*”⁴, elaborado pelo matemático e filósofo francês Michel Serres, definindo-o como todas as formas de transferência de informações e transformação de conhecimento, que ocorre através de transportes, transformações e desvios (SERRES, 1974). Latour (2000) aplica essa conceituação para mapear cientistas e engenheiros em ação, mostrando que “traduzir interesses” é a interpretação dada pelos construtores de fatos às pessoas que eles alistam e

³ Na própria literatura, pode-se encontrar diferentes denominações que representam mais ou menos essa abordagem teórico-metodológica, dentre outros, “Sociologia da Ciência”, ou “Estudos da Ciência” e “Estudos Sociais da Ciência”. Aqui, optamos por “Sociologia da Tradução” tendo em vista Akrich, Callon e Latour (2006) e Latour (2000), como uma conexão entre a abordagem teórico-metodológica e o método de aplicação, respectivamente.

⁴ Na literatura, pode-se encontrar o termo em português “translação” e “tradução”. Ver Latour (2000, 2012).

aos seus “interesses”, estes, por sua vez como “aquilo que ‘estar entre esses’, enquanto atores humanos e não-humanos, ou pessoas e artefatos. Isto é, um processo onde pesquisadores reúnem outras pessoas (possíveis autoridades no assunto), conforme seus desejos e objetivos, a fim de transforma-los em conhecimento minimamente estável e socializável.

Sendo assim, tendo em vista que se trata de uma pesquisa exploratória de caráter bibliográfico, busca-se, no momento, se familiarizar com alguns textos de pesquisadores da Ciência da informação os quais abordam o conceito de “paradigma”, e passam, de algum modo, pelos escritos de Kuhn (1998). E, em seguida, traz-se à tona possíveis interesses e controvérsias acerca dessas assimilações e apropriações do conceito de paradigma na Ciência da Informação, cujo efeito produz a emergência de controvérsias científicas em torno tanto desse objeto quanto dessa área do conhecimento científico.

3 CONCEITO DE “PARADIGMA” DE THOMAS KUHN: INTERESSES E CONTROVÉRSIAS NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Desde o final do séc. 20, discussões sobre “paradigma” exercem especialmente um amplo domínio nas comunidades filosóficas e científicas a partir da obra “Estrutura das Revoluções Científicas”, publicada como livro em 1962 pelo filósofo Thomas Kuhn. Desde então, demandou-se um olhar cauteloso sobre os fundamentos e o desenvolvimento teórico-aplicado e institucional das ciências e diversas áreas do conhecimento. Por definição, Kuhn (1998, p. 13) atesta que paradigmas são “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”.

Na Ciência da Informação, o conceito de paradigma foi tomado como um dos principais objetos de estudo, especialmente no que se refere às fundamentações históricas (compreensão da trajetória), epistemológicas (apreensão dos fundamentos teórico-conceituais) e metodológicas (definição de estratégias técnico-científicas) (CAPURRO, 2003; ELLIS, 1992; ROJAS, 1996). Porém, esse conceito ganha alcance, especialmente no Brasil, a partir do pensamento do filósofo uruguaio Rafael Capurro, quando o mesmo afirma o seguinte:

[...] minha tese é que a ciência da informação nasce em meados do Século XX com um paradigma físico, questionado por um enfoque cognitivo

idealista e individualista, sendo esse, por sua vez, substituído por um paradigma pragmático e social” (CAPURRO, 2003, p. 3).

Esses paradigmas identificados por Capurro (2003) foram amplamente aceitos na área de Ciência da Informação, desenvolvendo-se a partir de diferentes conteúdos e aplicados em diversos contextos de pesquisa (fundamentos teóricos, organização, mediação, gestão, políticas, tecnologias, serviços de informação –, além de questões como memória, trabalho, entre outros). Autorias como Almeida, Antonio, Boccato, Casari, Gonçalves e Ramalho (2007) e Columbié (2021) expressam concordância com os paradigmas identificados por Capurro na medida em que traçam uma abordagem histórico-epistemológica.

Todavia, do mesmo modo que os paradigmas físico, cognitivo e social pavimentaram a sua consolidação na Ciência da Informação, abriram margem para diferentes interesses, gerando possíveis controvérsias científicas na área. Bates (2022), por exemplo, sugere um “protoparadigma” o qual poderia formar a base para um eventual paradigma completo, centralizando a informação no coração da ciência da informação. Seria mais um fetiche informacional? Que informação?

No entanto, a própria autora alerta a possíveis questionamentos interessados em torno da especificidade conceitual ou aplicada acerca dessa centralidade protoparadigmática orientada à informação, esteja ela relacionada à busca, ao comportamento, ou às práticas: “não tema”, no final, o interesse pela informação surge das maneiras pelas quais a informação desempenha um papel nas atividades e no pensamento humano (BATES, 2022). Nesse sentido, a interseção ou interação dos seres humanos com a informação é certamente uma área central de estudo acerca do paradigma na Ciência da Informação. Pois, a diferenciação de interesses anteriormente assinalada sugere um paradigma que esteja situado na perspectiva informacional em interação com os seres humanos, para além de uma perspectiva física da informação.

Ademais, em outro contexto, Silva (2017) propõe que a Ciência da Informação não dispõe de três paradigmas que foram sendo substituídos, mas sim de um paradigma dividido em três contextos (físico, cognitivo e social), sendo o social o mais amplo, pois considera o usuário como foco central e autônomo para construção da informação e o físico de delimitação mais específica por focalizar centralmente o sistema. Isto é, uma espécie de trifurcação paradigmática.

Esse questionamento sobre a existência de três paradigmas está assentado em um conjunto de perguntas, quais sejam: há uma ruptura, de fato, entre cada paradigma? Há uma revolução causada na emergência de um novo paradigma em relação ao anterior? Os paradigmas em alguns casos foram substituídos ou há coexistência entre eles? O paradigma social, embora proposto na década de 90, já se constituía como prática na Ciência da Informação anteriormente? Estas são apenas algumas perguntas para reflexão, considerando a complexidade, bem como a complicação em reconhecer uma ruptura efetiva entre os paradigmas, uma revolução científica de um paradigma para o outro.

Quanto à coexistência, entende-se que os paradigmas não foram substituídos, mas aprimorados na medida em que o deslocamento do olhar do sistema para o usuário (modelos mentais) aprofunda a noção de informação em seu espectro cognitivo, enquanto o deslocamento do usuário para a comunidade (contexto sociocultural) focaliza uma informação construída coletivamente para grupos de sujeitos.

Contudo, conforme ressalta Saldanha (2008), a justaposição do conceito de paradigma kuhniano feita pela Ciência da Informação diz respeito, por um lado, à corrente tentativa epistemológica para fins de justificação social na comunidade científica, e, por outro, à apropriação acrítica sob o prisma paradigmático impositivo, anulando vozes de discursos científicos marginais. Assim parece não somente uma politização epistemológica desenvolvida pela área, mas um ensaio de consolidação identitária de cunho imediatista produzido pela própria epistemologia da Ciência da Informação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que há uma série de questionamentos acerca do conceito de paradigmas na Ciência da Informação. Quando se explora os referenciais bibliográficos dessa inscrição conceitual produzida na literatura da área, evidencia-se a emergência de diversos interesses dando lugar às controvérsias científicas, materializando-se por diferentes autores e conteúdos e outros conceitos. Inclusive, tentam produzir relações comuns ainda com características diferentes em torno da produção teórica desenvolvida por Thomas Kuhn a partir dos conceitos de “paradigma” e “revolução científica”, bem como os conteúdos interligados aos contextos de aplicação desse conceito na Ciência da Informação, principalmente, com base nas pesquisas de Bates (2022), Silva (2017) e Saldanha (2008).

Conclui-se que apropriação desse conceito na Ciência da Informação não compreende apenas uma invenção conceitual com base em outros termos específicos, mas a complexidade da inovação político-epistemológica do próprio conhecimento científico, cuja efetividade perpassa as relações de produção semiótico-materiais da produção e comunicação científica diante múltiplos interesses (até contraditórios). Isso é representado e reconstruído constantemente na conexão entre os fundamentos teórico-metodológicos e o desenvolvimento pragmático-institucional de sua produção tecnocientífica. Dessa forma, busca-se apreender as relações semiótico-materiais onde os efeitos da produção científica não performam objetos, nem coisas em si, mas, sim, interobjetos (como assuntos, conceitos, termos, teorias, métodos, etc.) – informados na produção científica e sociedade afora, vide múltiplos interesses (até contraditórios) da produção social do conhecimento científico. Nesse sentido, parecer ser necessário um cuidado durante a formação e o desenvolvimento de conceitos mais ou menos des-interessados, de forma acrítica, visto que as relações de produção social das ciências giram em torno de múltiplas realidades, aspectos comuns, dominações, diferenças, contrastes, conflitos, etc.

Assim, a epistemologia da Ciência da Informação (com “c” e “i” maiúsculos) parece não perceber que qualquer conhecimento científico traz consigo a tentativa vã de afastar a política de sua produção epistemológica, cujo efeito resultaria na busca pela purificação da própria epistemologia enquanto politização do saber. Isso ocorre por meio da caminhada em torno da filosofia da ciência, que lhes possibilitaria uma epistemologia (pura) parecendo ser “‘A’ ‘Ciência’ da ‘Informação’” – aquela que fetichiza (idolatra) “a Ciência” (para chamar de sua, ou mesma sê-la, enquanto tal). E, conseqüentemente, a purificação epistemológica da “informação”, tal como “seu” objeto científico (ao se apoiar em sua dita natureza complexa – mesmo não sendo sua exclusividade fenomênica, mas, ainda assim, parecendo ser algo identitário e único de uma ciência). Isso resulta ora em imediatismos epistemológicos, ora em movimentos de marginalização ou dominação das relações constitutivas entre os saberes que subjaz o jogo disciplinar entre as ciências, a filosofia, as artes e o senso comum à luz da inter e da transdisciplinaridade.

Contudo, em vez de afirmar ou negar a existência de um ou mais paradigmas, questiona-se: qual a importância de paradigmas para a ciência da informação? poderíamos conviver (viver diferentemente juntos) com ou sem paradigmas científicos?

REFERÊNCIAS

AKRICH, Madeleine; CALLON, Michel; LATOUR, Bruno. **Sociologie de la Traduction**. textes fondateurs. Paris: Presses des Mines, 2006.

ALMEIDA, Daniela Pereira dos Reis de; ANTONIO, Deise Maria, BOCCATO, Vera Regina Casari; GONÇALVES, Maria Carolina; RAMALHO, Rogério Aparecido Sá. Paradigmas contemporâneos da ciência da informação: a recuperação da informação como ponto focal. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, [s.l.], v. 6, n.1, p. 16-27, 2007. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/reic/article/view/745>. Acesso em: 9 jun. 2023.

BATES, Marcia. A proto-paradigm for information science research. **IR Information Research**, [s.l.], v. 27, n. special issue, oct. 2022. Disponível em: <https://informationr.net/ir/27-SplIssue/CoLIS2022/colis2201.html>. Acesso em: 9 jun. 2023.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5. 2003. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 9 jun. 2023.

COLUMBIÉ, R. L. Trilogía informacional y paradigmas: esbozo de una relación. **Ciencias de la Información (Cuba)**, v. 52, p. 9-13, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/162961>. Acesso em: 14 jun. 2023.

ELLIS, David. Paradigms and proto-paradigms in information retrieval research. *In*: VAKKARRI, Pertti; CRONIN, Blaise. [eds.]. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE, 1., 1991, Tampere. **Proceedings...** Tampere: Taylor Graham, 1992. p. 165-186.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo. Editora UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador; São Paulo: Edfuba; Edusc, 2012.

LENZI, L. A. F.; BRAMBILA, E. Z. Ciência da Informação, ciência e revolução científica: breve histórico e reflexões. **Informação & Informação**, Londrina, v. 11, n. 1, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1679>. Acesso em: 9 jun. 2023.

ROJAS, M. A. R. Hacia un nuevo paradigma en bibliotecología. **Transinformação**, Campinas, v. 8, n. 3, 1996. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/22759>. Acesso em: 9 jun. 2023.

SALDANHA, G. S. Thomas Kuhn na epistemologia da Ciência da Informação: uma reflexão crítica. **Informação & Informação**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 56-78, 2008. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1814>. Acesso em: 9 jun. 2023.

SERRES, Michel. **Hermès III, La traduction**. Paris: Minuit, 1974.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. **Fundamentos da Informação I: perspectivas em Ciência da Informação**. São Paulo: ABECIN Editora, 2017.